

João Neves da Fontoura*

Carlos Eduardo Vieira da Cunha**

Minha tarefa é discorrer sobre a vida de João Neves da Fontoura, ilustre conterrâneo, nascido em Cachoeira do Sul em 16 de novembro de 1887.

Aos 11 anos de idade, ingressou no Colégio Nossa Senhora da Conceição dos jesuítas em São Leopoldo, onde fez o ginásio.

Em 1905, ingressou na Faculdade de Direito de Porto Alegre. Já no segundo ano vive o que denomina de um “grande acontecimento” que iria marcar sua trajetória estudantil, que foi a visita a Porto Alegre do então Presidente eleito da República, conselheiro Afonso Pena.

Tendo decidido participar das festividades, os acadêmicos, através da Federação dos Estudantes, revoltaram-

se com a decisão governamental de aceitar na delegação que iria a Rio Grande agradecer ao dr. Afonso Pena apenas um representante dos estudantes das escolas superiores, seguindo-se uma onda de protestos à porta das faculdades e dos cafés.

Participante das assembléias e reuniões, João Neves da Fontoura relata a resolução dos estudantes, que decidiram não mais tomar parte dos festejos oficiais, mas fazer ao Presidente Afonso Pena uma grande manifestação, que foi realizada em 16 de agosto de 1906, tendo como orador o então quartanista desta mesma Faculdade de Direito, Getúlio Vargas, sobre quem vamos diversas vezes nos referir nesta palestra, haja vista os

* Palestra proferida no Ciclo de Conferências sobre “Influência da Faculdade de Direito da UFRGS na Política e nas Letras Jurídicas”, promovido no período de abril a julho de 1999.

** Bacharel em Direito pela UFRGS, promotor público, deputado estadual.

marcantes encontros e desencontros de João Neves da Fontoura e Getúlio Vargas ao longo de suas vidas, que tanta influência tiveram na história da República.

Alistado no Partido Republicano Rio-grandense desde 1904, João Neves da Fontoura, visando ao apoio a Borges de Medeiros, funda em 1907, o “Bloco Acadêmico”, juntamente com seu primo Jacinto Godoy e Maurício Cardoso.

O Bloco Acadêmico teve até um jornal, denominado *O Debate*, para pregar suas idéias e defender a candidatura Carlos Barbosa ao governo do Estado. Participavam como relatores, além de João Neves da Fontoura, Maurício Cardoso e Jacinto Godoy, também Getúlio Vargas, Odon Cavalcanti e Paim Filho, este último com a responsabilidade de diretor.

Eleito Carlos Barbosa, com mais de 60.000 votos contra cerca de 16.000 conferidos a Fernando Abott, João Neves da Fontoura é o orador da festa da vitória, ocorrida em 02/12/1907, cabendo-lhe a saudação e as homenagens a Borges de Medeiros.

Em 1909, no 5º ano da Faculdade, João Neves da Fontoura é convidado a ocupar o cargo de Promotor Público da Capital, vago com a eleição de seu detentor, Getúlio Vargas, para Deputado Estadual. Mais uma vez cruzavam-se os destinos de João Neves da Fontoura e Getúlio Vargas.

João Neves da Fontoura é nomeado 2º Promotor Público de Porto Alegre em 04/05/1909, e toma posse no cargo no fim daquele mês.

Assim se refere João Neves da Fontoura à nossa hoje centenária Faculdade de Direito, em suas *Memórias*:

[...] voltei-me quase dia e noite para aprofundar os estudos das quatro cadeiras do 5º ano, cujos exames batiam à porta. No meu tempo e na Faculdade, que cursava, aquelas provas se revestiam de um cunho de alta seriedade. Não havia “cola” na escrita; e, na oral, os lentes enchiam o candidato de perguntas, sem contemplações e com imparcialidade. Foi isso que deu prestígio à nossa Escola, ainda hoje um dos melhores institutos de ensino jurídico, no Brasil.¹

Mais adiante, sobre a sua vocação profissional e a respeito da formatura, diz:

Às vésperas da formatura, minha inclinação era a advocacia. A ela tudo me conduzia: a falta de vocação para o exercício sedentário da magistratura, as vinculações político-partidárias já contraídas, a necessidade de ganhar a vida com maior largueza, o espírito de luta que sempre me animou. Várias vezes pensei encaminhar-me para a diplomacia, vir logo para o Rio, tentar o ingresso no Itamarati, onde pontificava então Rio Branco no zênite de sua glória, como

1 MEMÓRIAS. v.1, p. 137.

titular da Pasta. Pensamentos fugidios, que nunca se concretizaram nem mesmo num princípio de execução. Naquele tempo, a admissão ao serviço diplomático dependia de cartas de apresentação e outros patrocínios pessoais, que não rimavam muito com o grau de independência um tanto demagógica a que muito cedo me habituara.

A turma, de que fazia parte, conforme já referi, compunha-se de treze alunos, todos bons amigos e bons estudantes. Entre nós sempre reinou uma atmosfera de cordialidade, não obstante divergências de caráter político, começadas durante a luta pela sucessão do sr. Borges de Medeiros, em 1907. Quando chegou a hora da escolha do paraninfo, os votos foram unânimes em favor do prof. Ribeiro Dantas. O mesmo, porém, não aconteceu em relação aos lentes homenageados, que deveriam figurar no quadro de formatura: o clássico quadro, em que a gente aparece de beca. No meu tempo, beca e bigodes retorcidos, segundo a moda da época. Um grupo – o mais numeroso – insistia para que se incluisse o retrato do prof. Pinto da Rocha. Outro, no qual eu me encontrava, não podia participar dessa homenagem, devido às incompatibilidades pessoais criadas durante a mencionada campanha presidencial. Cindiu-se, assim, a turma e, em lugar de um, houve dois quadros. Tendo em conta esse desentendimento, resolvemos de pleno acordo que não daríamos solenidade ao ato da colação de grau.²

Entretanto, em 20 de dezembro de 1909, ocorreu a solenidade de colação de grau, tendo sido a João Neves da Fontoura conferido o honroso título de aluno laureado, recolhendo-se o seu retrato ao Pantheon Acadêmico.

Na ocasião, o diretor da Faculdade, desembargador André da Rocha, homenageou-o com as seguintes palavras:

Glória a ti, João Neves da Fontoura, que conquistaste a láurea para a tua frente, honraste este instituto de ensino, és o nobre orgulho de tua família e hás de honrar o Rio Grande do Sul.

Formado, dividiu-se interiormente sobre o caminho a tomar: permanecer em Porto Alegre ou instalar escritório de advocacia em sua terra natal, Cachoeira do Sul.

Aconselhando-se com Borges de Medeiros, o chefe republicano foi categórico:

Não pode haver a menor dúvida, João. Teu destino é Cachoeira.

Em 16/03/1910, João Neves da Fontoura exonerava-se do cargo de promotor e, uma semana depois, partia para Cachoeira do Sul, seguindo o conselho de Borges de Medeiros.

2 Ibid, p. 140-141.

Sobre sua trajetória na terra natal, assim se refere João Neves da Fontoura:

A partir daquele mês de março, vivi em Cachoeira, durante mais de dezessete anos. Os anos da grande mocidade! Explicando-me melhor: Cachoeira foi meu domicílio e moradia; sede de meu escritório de advogado. Saía constantemente a serviço profissional, por poucos ou alguns dias. Em certa altura, as ausências se tornaram mais prolongadas, pela necessidade de freqüentar as sessões da Assembléia Estadual, na qual entrei pela primeira vez em 1921.³

Com efeito, pela projeção política que alcançou em Cachoeira do Sul e região, João Neves da Fontoura foi incluído na chapa do Partido Republicano à Assembléia em 1921 e foi eleito deputado estadual para o seu primeiro mandato. Sempre aliado a Borges de Medeiros, participa ativamente da “Reação Republicana”, quando, pela primeira vez, o Partido Republicano Rio-grandense se deslocava do eixo do poder central, combatendo a candidatura Artur Bernardes, afinal vitoriosa.

A derrota da Reação Republicana estimula a sucessão estadual, disputada entre o candidato a reeleição Borges de Medeiros e Assis Brasil.

Para ser reeleito, segundo as normas vigentes à época, Borges de Medeiros necessitava fazer três quartas partes do eleitorado, o que conseguiu por pequena margem (106.360 a 32.216 votos), conquistando pela quinta vez a Presidência do Estado.

Alegando fraude, Assis Brasil e seus partidários rebelaram-se. No dia da posse do Presidente estadual reeleito, em 25 de janeiro de 1923, os derrotados iniciaram movimento armado que só terminou em 14 de dezembro do mesmo ano, com o famoso Pacto de Pedras Altas, que garantiu a presença de Borges de Medeiros até o final do mandato mas impedia nova reeleição.

Em meio à crise, coube, na Assembléia de Representantes, a João Neves da Fontoura, juntamente com Lindolfo Collor e Maurício Cardoso, pronunciar vários discursos em defesa de Borges de Medeiros.

Em 1924, João Neves da Fontoura teve o seu mandato renovado na Assembléia de Representantes. Em janeiro de 1925, assumiu a Intendência do município de Cachoeira do Sul, acumulando as funções que hoje se denominam de prefeito e deputado Estadual até setembro de 1928.

João Neves da Fontoura realizou uma profícua administração como Intendente de Cachoeira do Sul, com destaque à implantação de inovador

3 PARLAMENTARES gaúchos. Porto Alegre Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. p. 20.

sistema de água e esgotos com base em projeto do engenheiro sanitarista fluminense Saturnino de Brito.

Apesar de inicialmente resistir, alegando querer se dedicar ao seu município e à profissão de advogado, João Neves da Fontoura acabou cedendo à convocação de Borges de Medeiros para que compusesse a chapa à sua sucessão na Presidência do Estado, na condição de vice de Getúlio Vargas.

No dia 24 de novembro de 1927 foi realizado o pleito, para o qual a oposição não apresentou candidato.

Logo após a posse, Getúlio Vargas convidou o seu vice, João Neves da Fontoura, a ocupar uma das cadeiras na Câmara Federal, vaga com a posse de Oswaldo Aranha e Paim Filho no seu Secretariado.

Em maio de 1928, João Neves da Fontoura foi eleito deputado federal, passando a acumular o mandato parlamentar com a Vice-Presidência do Estado. Assumiu a liderança da bancada do Partido Republicano Rio-grandense na Câmara Federal.

Iniciava-se neste momento uma das carreiras da maior projeção no cenário político nacional e de singular destaque nos acontecimentos que antecederam e fizeram a Revolução de 30.

Sobre o seu importante papel em 30, assim depôs Antônio Carlos, então presidente do Estado de Minas Gerais, que formou, com o Rio Grande do Sul e a Paraíba, os esteios da Revolução:

Coube a João Neves da Fontoura em todos os momentos, agir no meio subterrâneo da política, aquele que escapa à percepção pública e no qual freqüentemente mais sérios são os combates, mais necessários por isso mesmo, e em alta escala, os atributos de comando. Nesse oculto, mas importante setor da campanha política, ninguém o sobrepujou na segurança da estratégia e na habilidade da tática. Foi sempre inexcelável no mérito de formular iniciativas, conciliar opiniões, agremiar forças, suscitar e corporificar idéias, conter e serenar paixões; por processos os mais sutis e engenhosos, remover dificuldades, acomodar competições, desmanchar equívocos, compor divergências, unir, orientar e conduzir homens.⁴

A origem da Revolução de 30 está num encontro denominado por João Neves da Fontoura “a hora mais crucial” em toda a sua vida pública.

Ocorreu numa tarde de 17 de junho de 1929, e assim o descreve o próprio João Neves da Fontoura, em suas *Memórias*:

Assim que começamos a conversar, naquela tarde de 17 de junho, José Bonifácio entregou-me a carta de Antônio Carlos, trazida de Campos. Nela, o Presidente de Minas o investia, na qualidade de líder da bancada, de poderes para subscrever comigo um acordo político entre o situacionismo do seu Estado e o do

4 MEMÓRIAS. v. 2, p. 63.

Rio Grande, à base de uma candidatura gaúcha, que seria lançada por Minas, à sucessão do sr. Washington Luís, nos termos e condições que assentássemos. Perguntou-me se eu me considerava habilitado a firmá-lo. Nenhuma hora foi mais crucial em toda minha vida pública. Nunca senti tão onerosos meus deveres e responsabilidades. Detentor dos plenos poderes gerais, que publicamente me outorgara o Chefe do meu Partido (“hoje sois, necessariamente, o órgão mais legítimo e autorizado do nosso pensamento político na grande metrópole brasileira”), gozando de integral confiança dos correligionários e tendo ainda expressa, a respeito, a opinião de Getúlio Vargas acerca de não podermos recusar a indicação de uma candidatura rio-grandense, desde que feita por forças respeitáveis (“o Rio Grande, é claro, sob pena de falhar aos seus próprios destinos, não poderá recusar; vitorioso, governará de inteiro acordo com o elemento que houver predominado na escolha”), tive de assentar minha decisão num relâmpago. A hipótese de prévia consulta ao sr. Borges de Medeiros ou ao sr. Getúlio Vargas, absolutamente impraticável: primeiro, porque o assunto, no pé em que se achava, não comportava a delonga de pelo menos dez dias (o Chefe do Partido Republicano se encontrava no interior do Estado, em sua fazenda do Irapuazinho); segundo, porque, psicologicamente, a inclinação

mineira pela solução gaúcha estava naturalmente caucionada à expectativa de que corresponderíamos sem hesitações ao convite, não deixando margem, nem longinquamente, à possibilidade de uma antecipada e cautelosa auscultação do sr. Washington Luís, o que importaria numa quase delação.

Se eu naquele momento vacilasse ou diferisse a solução para depois de ouvidos os srs. Borges de Medeiros e Getúlio Vargas, se o sr. Francisco Campos voltasse para Belo Horizonte com as mãos vazias, e o sr. José Bonifácio fosse obrigado a guardar na gaveta a carta mandato do irmão à sua espera de resposta do Sul, a entente Minas-Rio Grande estaria definitivamente frustrada.

O sr. Antônio Carlos, aliás, sabia bem que, de parte do Rio Grande, “a empresa não era fácil”. E ainda, no prefácio do meu livro *A Jornada Liberal*, deixou claro que no meio político ninguém acreditava numa luta da situação gaúcha com o Catete.

Tudo isso tinha eu presente à minha consciência, quando respondi à pergunta de José Bonifácio, e foi por ter então certeza do – “agora ou nunca” – que declarei, com naturalidade e firmeza, ao líder de Minas considerar-me devidamente autorizado a subscrever o acordo, na evidente dependência de convirmos nas suas estipulações de estabelecermos que no tocante ao Rio Grande, sua vigência só começaria a partir da ratificação do mesmo pelo Chefe do Partido Republicano, sr. Borges de Medeiros”.⁵

⁵ Ibidem, v. 2, p. 75-76.

O pacto entre Minas e Rio Grande do Sul, contudo, não se fixava em um determinado candidato, e sim em dois: Borges ou Getúlio, à escolha do Rio Grande do Sul.

Escrevendo a Vargas, Borges de Medeiros definiu o assunto nos seguintes termos:

Essa (a candidatura rio-grandense) não pode ser senão a sua, que é a que melhor corresponde às simpatias e desejos da nação.

Mais uma vez declaro que em nenhuma hipótese poderia eu aceitar a candidatura e, por isso, suplico que meu nome seja posto fora de qualquer cogitação. Avelantado e cansado, só aspiro servir a nossa terra na medida das forças que me restam e sem nenhuma responsabilidade oficial. Creia na sinceridade desta expansão sem refolhos e sem ressaibos de amargura.⁶

Getúlio Vargas era o candidato do RS e MG à presidência da República. A Paraíba compôs a chapa com João Pessoa de vice, cujo papel histórico e decisivo no desencadear dos fatos iria desempenhar com a sua própria vida.

No desenrolar da campanha, especial relevo ganhou a chamada “crise do café”, que atingiu em cheio a candidatura oficial de Júlio Prestes, presidente do Estado de São Paulo.

Sobre o fato, assim se pronunciou João Neves da Fontoura:⁷

A crise do café significava um fim-de-mundo para a candidatura Júlio Prestes. Não só ela pusera a nu as falhas do instituto, como demonstrara o absurdo de conseguir-se uma valorização artificial através de rigorosa retenção do produto. Com o café em crise, todo o plano de estabilização estremecera em sua base e ficara sujeito ao conseqüente desabamento. Pois nem diante desse cataclismo econômico-social o sr. Washington Luís sentiu necessidade de criar uma fórmula de apaziguamento com as oposições. Tarefa mais do que fácil, pois Vargas não desejava outra coisa, e o presidente fora perfeitamente informado da boa vontade do nosso candidato. Ao contrário de amainar a intransigência de suas atitudes, o chefe do Governo se tornou ainda mais intratável.

João Neves da Fontoura foi, sem dúvida, dos maiores pregadores e ativistas da Revolução de 30.

Chefiou, inclusive, uma caravana aos distantes estados do norte e nordeste.⁸

Por outro lado, impunha-se a organização de uma caravana que percorresse os Estados do Nordeste e

6 Ibidem, p. 80.

7 Ibidem, v. 2, p. 222.

8 Ibidem, p. 277.

do Norte. Vários nomes estiveram em cogitação para chefia-la. Diante da recusa de outros, aceitei o encargo, não obstante ele me exigir novos sacrifícios físicos. Naquela campanha, como diz o castelhano, siempre me tocava bailar con la más fea.

Nessa caravana, num comício em Recife, assim se pronunciou João Neves da Fontoura, já pregando a revolução:

Congreguemos a multiplicidade dos nossos esforços para a vitória das nossas idéias.

Ide, pernambucanos, para os comícios, confiantes no direito que nos assiste.

Imponde ao governo o respeito à liberdade do sufrágio.

Mas, se a 1º de março os donatários do Brasil tentarem afogar no mar morto da trapaça o pronunciamento da nação, levantemos então em armas, por amor do Brasil.⁹

E vieram as eleições em 1º de março de 1930.

“Se é que este nome pode ser corretamente dado àquele ato”, como diz João Neves da Fontoura, em suas *Memórias*.¹⁰

As eleições – se é que esse nome pode ser corretamente dado àquele ato – realizaram-se a 1º de março.

Nenhum de nós punha o mínimo crédito na seriedade do processo. A fraude imperou universalmente, antes e durante o pleito, como a lei facilitava. Os resultados começaram a surgir nas seguintes quarenta e oito horas, confusos e contraditórios, segundo os estilos da época, quando, além de tudo, eram as próprias mesas receptoras que procediam imediatamente às apurações. Nossa casa de Cachoeira, no bairro Rio Branco, ficou cheia de gente até altas horas. Tive a sensação de haver volvido ao meu tempo de prefeito municipal, quando ali fazia diariamente contato com os amigos, correligionários e até adversários. Naquela noite, cada qual formulava as hipóteses mais otimistas. Ninguém admitia o povo brasileiro derrotando a oligarquia federal e seus métodos de imposição de candidatos. Eu infelizmente não participava da mesma euforia. Tinha certeza de que, para atingirmos nossos objetivos, ainda havia a percorrer um longo e áspero caminho de sacrifícios.

A Revolução de 30 teve nascentes múltiplas. Ela teve origem na fraude eleitoral, foi alimentada pela perseguição do Catete ao governo da Paraíba e se vitalizou com o assassinato de João Pessoa, ocorrido em Recife, em 26/07/1930, pouco depois das 17 horas, na confeitaria Glória, conforme relata João Neves da Fontoura:¹¹

9 Ibidem, p. 284.

10 Op. cit., p. 299.

11 Op. cit., p. 355.

O Presidente paraibano fora, de automóvel, na manhã daquele dia à capital de Pernambuco a fim de visitar seu íntimo amigo dr. Cunha Melo, recolhido gravemente enfermo ao Hospital Centenário, daquela cidade. Como se comprovou mais tarde, o governo federal mandara trancar os telégrafos a fim de que o fato não fosse imediatamente conhecido no Rio Grande do Sul. Certamente por saber que em Porto Alegre, naquela noite, se encontrariam reunidos em torno de Oswaldo Aranha os principais líderes da Frente Única, ostensivamente partidários do levante armado. Uma irreprimível indignação explodiu entre quantos se encontravam no Clube do Comércio. Cerca de nove horas da noite quando saímos, enorme massa de povo estacionava na Praça da Alfândega clamando por um ato de completa reparação. Por um viril protesto de força, da nossa gente. Os discursos proferidos, como era natural, tiveram o cunho de extrema aspereza, tanto o de Oswaldo Aranha, como o de Flores da Cunha e o meu. Aranha exclamou intencionalmente: "Mais hoje, mais amanhã será vingada a morte de João Pessoa." Quando me tocou falar, declarei: "Estamos diante de um crime caracteristicamente armado sob a inocultável responsabilidade do poder central. Já que outros não podem manter a ordem republicana, frente aos desmandos do Catete, a nós, rio-grandenses, cabe fazê-lo. Toda a

cidade se achava presa da mesma febre de revolta."

Borges de Medeiros aderiu à opção das armas e Oswaldo Aranha assumiu o comando das forças que iriam combater o Governo Central.

Pela primeira vez em sua história, o Rio Grande se unia, nas palavras de João Neves da Fontoura:¹²

No Rio Grande, pela primeira vez em sua história aquela gente se moveu quase por unanimidade. Em 1835, se a bravura dos farroupilhas animava a paixão pela autonomia, de seu lado os imperiais davam as mesmas mostras de desprendimento e coragem.

Em 1930, o povo gaúcho realizava uma unidade milagrosa.

A dificuldade não residia em animar os tímidos, mas em moderar os audazes.

O Dia D e a Hora H da Revolução de 30 são assim relatados por João Neves da Fontoura:¹³

Tínhamos, pois, como definitivamente assentados o Dia D e a Hora H, isto é, 3 de outubro de 1930, às 5 da tarde.

Ao tomar conhecimento do fato, não tive outra emoção além da que se sente quando termina uma longa e angustiosa espera. Durante mais de um ano lutara por aquela solução.

12 Ibidem. v. 2, p. 408.

13 Ibidem, p. 408.

Vê-la aproximar-se não me poderia causar senão um grande alívio. Do que porventura sobreviesse, inclusive a derrota com suas conseqüências, sequer não cogitei. Debaixo de riscos vinhamos todos vivendo havia muito. De resto, na mocidade, a gente encara todos os acontecimentos com otimismo. Meu temperamento sempre foi, aliás, o oposto dos pessimismos amargos, às mais das vezes infundados. Viver é acreditar. Pelo menos para quem quer viver com alegria e construir.

João Neves da Fontoura combate, no Dia “D”, em Cachoeira do Sul, onde foi exitosa a Revolução, como de resto país a fora conforme relatou Oswaldo Aranha em telegrama a João Neves da Fontoura datado de 06/10/30:

Ainda não tive tempo para mandar-te e aos companheiros de Cachoeira meu abraço fraternal. Nem ao chefe querido e incomparável nada pude informar. Confio hajas feito tudo. Parece-me não errei nas previsões nem faltei aos compromissos assumidos. O Rio Grande levantou-se todo em 24 horas. Paraná e Santa Catarina são nossos. O Norte está em armas, com vários Estados em nosso poder. Minas, lutando. Mato Grosso, em movimento. Não poderemos mais ser vencidos. Ao dr. Borges de Medeiros, coluna moral da vitória, e a ti, baluarte irredutível do nosso ideal, abraço com efusão e fé.

João Neves da Fontoura responde a Oswaldo Aranha nos seguintes termos:

Os companheiros de Cachoeira, aos quais transmiti tuas desvanecedoras palavras, agradecem-nas afetuosamente, congratulando-se pela marcha triunfante do movimento, que tanto deve tua rara clarividência e inexcelsível dedicação e esforço. Abraços.

Um dia depois, 07/10/1930, João Neves da Fontoura recebe carta de Getúlio Vargas que abalaria as relações entre ambos para o resto das suas vidas.

Dizia a carta, cujo conteúdo reproduzo na íntegra, pela sua importância histórica:

Porto Alegre, 07 de outubro de 1930 – Meu caro João Neves. Antes de mais nada, aceita calorosas felicitações pela forma brilhante e expedita como agiste no teu reduto. O golpe foi eficientíssimo e de relevante significação para completo êxito do plano, no Estado.

Desprezando a rapidez das comunicações telegráficas, resolvi escrever-te esta com o fim de levar ao teu conhecimento uma informação de natureza inteiramente reservada. Sabedor do que se trata confio, desde já, na tua aquiescência e estou certo da orientação da tua conduta, no sentido conveniente, pela dedicação que todos devemos ter à causa comum – dedicação que em ti jamais faltou.

Pretendo seguir, por estes poucos dias, para o campo de operações, no Paraná ou onde for preciso. Entendo que isso, além de um dever para mim, é indispensável no momento. Não é conveniente, porém, que, durante minha ausência, assumas o Governo, o qual deverá ser ocupado pelo

Oswaldo Aranha. Embora esteja certo da vitória, não posso prever o desenlace do movimento, quanto à sua direção suprema.

Assumido o Governo, ficarias impossibilitado, desde logo, para exercer o mandato de deputado. Isso, evidentemente, não seria aconselhável, de início, porque ficaríamos privados do líder da bancada, quando ainda não sabemos qual o rumo definitivo dos acontecimentos. É, pois, de inteira conveniência permaneceres aí, por enquanto, nada dizendo a respeito, para não inspirar qualquer dúvida de nossa parte. Agora, se eu, inicialmente, for chamado a assumir o Governo do país, passar-te-ei, de imediato, o do Rio Grande, mesmo porque um dos meus primeiros atos será dissolver esse Congresso, que não representa a opinião nacional. É isso o que desejo submeter ao teu conhecimento e apreciação, a fim de nos orientarmos com segurança e na harmonia de sempre, relativamente ao momento e suas inevitáveis consequências futuras. (a) Getúlio Vargas.

Mas a revolução marchava de vento em popa e, a 12/10/30, Vargas assumia o alto comando das tropas que marchavam sobre a Capital da República.

Vargas partiu de Porto Alegre aclamado por multidões.

Ao passar pela Estação de Cachoeira, elogiou João Neves da Fontoura com as seguintes palavras:

Vamos cumprir a palavra solenemente empenhada e, para a satisfação dela, levo comigo João Neves da Fontoura, o grande sementeiro da idéia revolucionária.¹⁴

Apesar do estremecimento havido dias antes, João Neves da Fontoura embarca e viaja na composição principal. Da comitiva de cachoeirenses, “companheiros de luta”, como chamou João Neves da Fontoura, participou o meu avô, pai do meu pai, Antônio Peixoto Vieira da Cunha.

A revolução avançava e, em 24/10, Washington Luís era deposto.

Vitorioso, Getúlio indaga a João Neves da Fontoura quando assumiria o governo do Estado do RS, como que esquecendo os termos da sua carta de 07/10.

João Neves da Fontoura responde:

Mas eu não vou assumi-lo, como te escrevi de Cachoeira logo depois de 3 de outubro. Tanto que te mandei meu ofício de renúncia à Vice-Presidência. Isso, aliás, já nem tem mais sentido, pois a revolução extinguiu toda a ordem constitucional do país.

Em 03/11/30, a “Junta Pacificadora” empossou Vargas e, no dia 04/11, João Neves da Fontoura enviou ao governador Cipriano Ferreira, então presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, o seguinte telegrama:

14 Ibidem. v. 2, p. 443.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, nesta data, renuncio o mandato de Vice-Presidente do nosso Estado, mandato que me foi conferido a 25 de novembro de 1927 pelo sufrágio direto de nossos cidadãos. Rogo a Vossa Excelência que aceite e transmita a todos os deputados dessa colenda Assembléia as minhas homenagens.

Os motivos da renúncia de João Neves da Fontoura eram os desencontros com o recém-empossado presidente Getúlio Vargas.

É ele quem diz:

Desde certa altura da campanha presidencial, minhas desinteligências com o sr. Getúlio Vargas tornaram evidente que já não éramos os mesmos amigos reciprocamente confiantes. À proporção que as dificuldades se acentuavam, nossos pontos de vista quanto à conceituação da crise e seus remédios se distanciavam de maneira alarmante. O que antes nos unia depois nos separava. Eu não o entendia, e ele muito menos a mim.¹⁵

Mas Getúlio não desistira de ter João Neves da Fontoura a seu lado. Uma nova conversa entre ambos, com Getúlio já no Palácio do Catete – é assim narrada por João Neves:

Eu o ouvi sem interrompê-lo. Não demorou a prosseguir, afirmando que,

por todos os motivos, eu não podia ficar ausente das responsabilidades do poder instituído pela revolução. Renovou-me o apelo para que fosse exercer o governo do Rio Grande.

Calmamente, sem o menor espírito polêmico, respondi-lhe que aquela minha deliberação estava consumada e que eu não a reconsideraria, pelos motivos que sumariamente lhe expus.

Tornando a falar, disse-me Vargas: “Nesse caso, faço-te uma outra proposta, e a faço com o pleno acordo do Oswaldo Aranha: tu irás para a Pasta da Justiça, e ele para a presidência do Rio Grande.

Agradei a ambos o convite, mas com a mesma firmeza o rejeitei com estas palavras: “Se eu aceitasse, sairíamos mal os três. Eu, porque seria tido como um ambicioso que bateu o pé para chegar ao Ministério. O Oswaldo, porque foi obrigado a ceder. E tu, porque não tiveste autoridade para conter-me”.

Ajuntei que, além de tudo, eu queria mesmo recolher-me à vida profissional, trabalhar, preparar o futuro da minha família e refazer-me das lutas que me haviam esgotado.

Conversamos ainda largo tempo amistosamente. Pouco antes de sair, disse-me que, pelo menos, já que eu ia exercer a advocacia, aceitasse o cargo de consultor jurídico do Banco do Brasil, cargo que eu tinha plena competência para desempenhar e que não dependia da política. Perguntei-lhe: “Mas vais porventura demitir o Carvalho de Mendonça para eu ocupar o lugar dele?” Contestou-me

¹⁵ Ibidem, p. 474.

que não, que Mendonça falecera durante o curso da revolução, e não fora substituído.

Não querendo acrescentar outra negativa, para a qual não haveria aparente cabimento, pedi-lhe prazo para refletir. Quando altas horas regresssei à casa, depois desse encontro, estava grandemente satisfeito. Tinha atingido meu objetivo principal, sem quebra das relações pessoais com Vargas. Sinceramente, apesar de tudo, eu não desejava senão conservá-las. Jamais rompê-las por ato meu.¹⁶

João Neves da Fontoura acabou aceitando o convite para ser consultor jurídico do Banco do Brasil no Governo Vargas.

Logo depois, em 1932, romperia novamente com Vargas, tomando partido dos constitucionais paulistas no levante daquele ano.

A derrota da causa levou-o ao exílio durante quase dois anos.

Regressou após a vigência da Constituição de 1934, tendo sido deputado federal em 1935/37, eleito para ocupar a 2ª cadeira da Academia Brasileira de Letras em 1937, embaixador na França em 1942 e Embaixador em Portugal em 1943/45.

Deposto em 29/10/1945, Getúlio Vargas tentou fazer de João Neves da Fontoura o seu candidato a presidente da República.

João Neves da Fontoura narra este fato histórico em suas “Memórias”:

Não governei o Rio Grande, depois de 1930, porque não quis. E, em 1945, cheguei a ter nas mãos minha candidatura à presidência da República, que Vargas, em duas insistentes cartas, me propunha, do seu retiro de São Borja, para onde se recolhe em seguida à deposição de 29 de outubro. Naquelas mensagens, ele se declarava decidido a percorrer o país, aconselhando o povo a dar-me os seus votos.

Em 1929 – escreveu numa delas – eu fui o candidato, tu foste o líder. Agora, tu serás o candidato, e eu o líder.

No pé em que as coisas se achavam, tudo indicava que meu nome sairia vitorioso das urnas, tanto mais que eu voara dias antes ao Rio Grande, e lá o PSD gaúcho, então em plena pujança, me nomeara seu líder no âmbito federal. Ainda assim, recusei tenazmente o oferecimento e empreguei todos os meus dons de convencimento, junto de Vargas, para ele apoiar o gen. Eurico Dutra, o que afinal consegui, garantindo a este o retumbante êxito de 2 de dezembro, isto é, maioria absoluta.¹⁷

Eleito Dutra, João Neves da Fontoura foi seu ministro das Relações Exteriores, cargo que continuou a exercer no governo democrático de Vargas, entre 1950 e 1953, até o

¹⁶ Ibidem. v. 2, p. 477.

¹⁷ Op. cit., p. 390.

rompimento definitivo, assim relatado por João Neves:

A mim nunca me bastou que o chefe do partido ou o do governo confiassem em mim. A recíproca sempre me pareceu indispensável. Foi por essa razão fundamental, que, em junho de 1953, me exonerei da pasta das Relações Exteriores, na última presidência Getúlio Vargas, embora não houvesse ocorrido qualquer incidente ou fato que me impusesse aquela irrevogável iniciativa. É que, infelizmente, alguma coisa se quebrara – e para sempre – entre nós dois: a confiança mútua.¹⁸

Vargas, porém, mais uma vez não se conformara com o afastamento de João Neves. Tentou a reconciliação quinze dias após, sem sucesso, no episódio descrito às páginas 175-176 das *Memórias*:¹⁹

O estremecimento de Vargas com um companheiro era a véspera de novo namoro para reconquistá-lo.

Até comigo isso esteve a pique de acontecer mesmo depois que me exonerei da pasta das Relações Exteriores, em junho de 1953. Saí serenamente, sem bater com os pés nem com as portas, mas saí farto – e para sempre – do círculo Vargas. A segunda tentativa de colaborar com ele fora ainda pior do que a primeira

(1929-1930). Sem rancor, mas – repito – fui embora para sempre.

Uns quinze dias após, tocou-me o telefone um velho amigo, avisando de que eu iria receber convite para um almoço na Sociedade Hípica. Seria um almoço para doze pessoas, presidido por Vargas. Estranhei a notícia, e nada disse. Meia hora depois, telefonou-me o presidente da Hípica, formulando o tal convite. De início, pediu-me desculpas de fazê-lo com tão pouca antecedência (era para o dia seguinte), mas, explicou, a culpa cabia ao Palácio do Catete que só naquele momento lhe mandara a lista dos convivas, entre os quais figurava o meu nome. Não me dei por achado, e lamentei a impossibilidade de aceitá-lo, devido a compromisso anterior com uma embaixada. Compromisso que nunca existiu.

O suicídio de Vargas, porém, a 24/08/54, pouco mais de ano depois, não mais permitiria a reaproximação dos dois grandes homens públicos.

Sobre o tiro no peito de Getúlio, assim se manifestou João Neves da Fontoura:²⁰

Quando, na manhã de 24 de agosto de 1954, me chegou a notícia de que ele se suicidara, minha consternação foi imensa, embora o desfecho não me surpreendesse pelos motivos que estou mencionando.

¹⁸ Ibidem, p. 11.

¹⁹ Op. cit., p. 175-176.

²⁰ MEMÓRIAS. v. 2, p. 418.

Dele eu me separara coberto de razões. Nem por isso deplorei menos o seu fim: nem deixei de render-lhe, no íntimo, sincera homenagem às virtudes que não lhe poderiam ser negadas, aos serviços que prestara ao país, aos males que evitara. Em horas emocionais, só se faz o balanço positivo das qualidades e boas obras. Os defeitos, erros, faltas e imperfeições ficam para o julgamento da História.

Era, agora sim, a separação definitiva entre ambos.

Pelo menos até 31 de março de 1963, quando, na mesma cidade do Rio de Janeiro, a morte também levou João Neves da Fontoura.

Getúlio Vargas, com certeza, recebeu João Neves da Fontoura no lugar para onde vão os que aqui na terra fazem História.

Os dois ilustres ex-alunos da nossa querida e centenária Faculdade de Direito da UFRGS, a esta altura, acho, já tiveram o tempo necessário para uma nova reconciliação.

São essas as contribuições que trago a este Ciclo de Conferências, honradíssimo e muito agradecido pela oportunidade de fazer parte – modestamente – do seletto grupo de painelistas deste evento.

Pela atenção de todos, obrigado.

